

# Para honrar **LUZIA**

Projeto nascido de pesquisa, a Linha Lund prevê criação de circuito científico e turístico, com monumentos naturais e culturais, dotado de rede de exposições temáticas complementares

WALTER NEVES

Soubes por vias diversas que o projeto Linha Lund, por mim sugerido há cerca de três anos ao governo de Minas por intermédio de meu colega, Castor Cartelle, da Fundação Estadual do Meio Ambiente (Feam), e de Roberto Alvarenga, do Instituto Estadual de Florestas (IEF) – com o qual minha equipe vem colaborando estreitamente nos últimos quatro anos na implantação do Parque do Sumidouro –, virou programa de governo. Esta é a primeira vez em minha longa carreira científica que uma ideia advinda da pesquisa pura que faço, não aplicada, é adotada com ânimo por uma instância da administração pública brasileira. Sinto-me honrado. Só por isso minha carreira já teria valido a pena. Como nunca tive tempo, espaço e possibilidade de registrar por escrito minha concepção do empreendimento, vou fazê-lo agora, de maneira sintética.

1) A Linha Lund “correria” em paralelo virtual à Linha Verde, eixo do programa de desenvolvimento econômico denominado Vetor Norte. Aqui não vou me alongar, porque esse arrojado plano é do conhecimento de todos.

2) A linha seria o primeiro circuito turístico-científico do país, já que ao longo dela existem registros que têm sido cientificamente explorados por várias áreas do conhecimento, desde os trabalhos pioneiros de Lund e Warming, em meados do século 19.

3) O primeiro circuito turístico-científico do país se articularia, de acordo com minha proposta, por meio de uma rede de monumentos naturais e culturais, bem como de uma rede de exposições temáticas complementares.

4) No caso da rede de exposições temáticas, o ideal seria que o visitante começasse o circuito pelo Museu de Ciências Naturais da PUC Minas, que dispõe hoje de, pelo menos, duas belíssimas exposições pertinentes, uma sobre a vida de Lund, outra sobre a megafauna extinta da região. A segunda exposição a ser visitada pelo turista seria o Parque dos Primeiros Americanos, projeto que propus em 2005 à Prefeitura Municipal de Pedro Leopoldo, mas que agora será implantado no Centro de Visitantes do Parque do Sumidouro, com o nome de Hall dos Primeiros Americanos. A última exposição visitada seria implantada no Palácio da Cultura de Matozinhos, a cuja administração também submeti projeto museográfico completo.

5) No que diz respeito aos monumentos naturais e culturais, abundantes na região da APA Carste de Lagoa Santa, várias paradas turísticas seriam possíveis. Conforme minha concepção original, as visitas a esses monumentos começariam pelo Parque do Sumidouro, com especial atenção para os maciços da Lapinha e do Sumidouro, continuariam pelos monumentos históricos da Quinta do Sumidouro, pelo complexo arqueológico de Cerca Grande, continuando em direção às grutas Rei do Mato e Maquiné, onde o circuito terminaria. Evidentemente que esses monumentos naturais e culturais teriam que ser devidamente “musealizados” para que, além das belezas naturais que oferecem, agregassem também conhecimento científico ao visitante. Seria, por assim dizer, museus de sítios, muito comuns na Europa, por exemplo. Ou melhor ainda, todo um território “musealizado”, estratégia que no ano passado sugeri também para o Parque do Sumidouro e que, em princípio, será ali adotada paulatinamente.

6) Quando submeti às prefeituras municipais de Pedro Leopoldo e Matozinhos os dois projetos expográficos acima citados, tive o cuidado para que os mesmos não fossem redundantes entre si, e que ambos não se sobrepussem às exposições já estabelecidas no Museu da PUC em Belo Horizonte. No caso do Parque dos Primeiros Americanos, agora Hall dos Primeiros Americanos, o tema explorado seria a questão da ocupação da América e de como as descobertas científicas sobre Luzia e seu povo nos últimos 20 anos alteraram dramaticamente o quadro que prevalecia até então sobre o povoamento do Novo Mundo; quadro esse ferrenhamente defendido pela comunidade científica norte-americana nas últimas quatro décadas. Já em Matozinhos, o mote seria o trabalho do arqueólogo e do paleontólogo, já que dentro dos limites daquele município empreendemos nossas principais escavações nos últimos oito anos. Escavações arqueológicas de larga escala foram por nós conduzidas ali, com recursos expressivos da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), em dois abrigos-sob-rocha e em um sítio a céu aberto. Escavações paleontológicas, seguindo critérios internacionais de exposição e registro, foram também empreendidas em Matozinhos numa gruta fossilífera. Tais escavações produziram um acervo invejável de conhecimento científico, de cultura material, de fósseis da megafauna, e de novos esqueletos humanos da mesma população biológica de Luzia.

7) No que diz respeito aos monumentos naturais, a sobreposição também seria evitada, respeitando-se a vocação natural desses sítios. Na Lapinha, por exemplo, o acervo natural é de caráter estritamente geológico e espeleológico, já que ali nunca foram realizadas pesquisas arqueológicas nem pesquisas paleontológicas sistemá-



DESENHO FEITO POR BRANT, SECRETÁRIO DE PETER LUND, EM 1839, MOSTRA O CIENTISTA TRABALHANDO NA LAPA VERMELHA, EM LAGOA SANTA, LOCAL HOJE DESTRUÍDO

ticas. O próprio Lund nunca escavou ali. Já o maciço do Sumidouro tem vocação paleontológica e arqueológica extraordinárias, já que ali Lund fez sua principal descoberta: encontrou, em suas câmaras subterrâneas, ossos humanos associados a ossos de megafauna, descobertas essas que mudaram completamente a compreensão então vigente sobre a história natural de nosso planeta. Razão pela qual haverá no Hall dos Primeiros Americanos um módulo específico sobre as pesquisas de Lund no Sumidouro e suas implicações científicas.

## INTEGRAÇÃO NECESSÁRIA

Mas o estabelecimento desse circuito turístico-científico exigirá algumas condições dificilmente alcançadas no Brasil: a primeira delas, uma articulação concertada e cordial entre o governo do estado e as administrações locais; em segundo, uma certa generosidade das administrações, ONGs e associações locais no sentido de abrir mão de propostas domésticas, muitas vezes comezinhas, limitadas, em benefício de um projeto maior, integrado; e em terceiro, a formação de quadros técnicos especializados tanto na manutenção e animação de exposições museográficas, quanto de monumentos naturais e culturais. A região abrangida pelo Vetor Norte é absolutamente carente de recursos humanos qualificados para isso.

Uma outra questão que colegas e gestores locais têm me colocado refere-se ao acervo necessário para recheiar as duas ou mais exposições que fariam parte do circuito. Não vejo aqui qualquer problema. Vários museus e instituições brasileiras, inclusive em Minas Gerais, dispõem de vastas coleções de vestígios arqueológicos e paleontológicos (só para citar duas categorias) da região de Lagoa Santa, coleções essas armazenadas em condições precaríssimas na maioria dessas instituições. Tais coleções estão sob grande risco de se deteriorarem. Muita informação sobre elas já foi, na verdade, perdida, tendo em vista a precariedade da infraestrutura física e técnica dessas instituições. Além disso, conforme já mencionei acima, o projeto Origens que meu laboratório vem desenvolvendo na APA Carste de Lagoa Santa, desde 2000, está produzindo um enorme acervo que pode perfeitamente ser exposto nesses empreendimentos, desde que a curadoria adequada das peças seja assegurada pelo governo estadual junto ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan).

Nesse sentido, sou absolutamente contrário à ideia de

que sejam solicitadas peças da coleção Lund, da Dinamarca, para qualquer um desses empreendimentos ou de congêneres. Já analisei várias vezes o acervo constituído por Lund e posso atestar que até mesmo os baús e os jornais utilizados por aquele naturalista para embalar as peças enviadas a seu país, que, diga-se de passagem, financiou sua pesquisa, foram mantidos integralmente até hoje pela instituição dinamarquesa na qual a coleção se encontra albergada. Tivesse a coleção ficado no Brasil, nem mesmo os fósseis seriam mais encontrados... Portanto, não temos moral curatorial para pretender qualquer tipo de repatriação de materiais arqueológicos e paleontológicos brasileiros que se encontram no exterior.

## SAQUES ARQUEOLÓGICOS

Outro entrave para o estabelecimento da Linha Lund, de forma imaculada, refere-se à excrescência legal e educativa denominada Museu da Lapinha, de caráter particular, próximo à gruta de mesmo nome. É lamentável que o Estado brasileiro permita que uma “instituição” formada ao arpejo da lei e à custa de saques arqueológicos e compra de acervo (estimulando ainda mais a pirataria arqueológica) permaneça ainda aberta ao público, prestando um enorme desserviço à nação. Tenho defendido veementemente junto ao poder público local, estadual e federal, há anos, que o dito “museu” seja sumariamente fechado, que a parte aproveitável de seu acervo seja transferida para instituições mineiras pertinentes, e que o prédio, absolutamente caricato, um verdadeiro monumento ao mau gosto, seja demolido para não impactar negativamente o entorno da Gruta da Lapinha.

É claro que minha concepção da Linha Lund não só pode como deve ser modificada pela *intelligentsia* local, sobretudo se isso se fizer necessário para a viabilização política do empreendimento. De qualquer maneira, seria de todo apropriado que a viabilização política, executiva e administrativa não comprometesse a lógica da complementaridade, da não redundância, que tive o cuidado de imprimir à concepção original da proposta, que aliás foi pensada no interior das grutas e abrigos que escavamos nos últimos anos na região, quando a lida própria da arqueologia me permitiu fazê-lo.

Seria também importante que mais uma característica da concepção original da proposta fosse mantida: que outros atrativos sejam agregados ao circuito original no futuro, à medida que eles forem sendo qualificados pelas administrações locais e estadual. Sem sombra de dúvidas, uma das virtudes do conceito de “território musealizado”, e é essa a grande alma da Linha Lund, é sua capacidade quase ilimitada de inclusão paulatina, desde que isso não mutile o eixo principal que lhe deu origem.

Volto a enfatizar a arrojada decisão de demonstrar na prática que não só é possível compatibilizar desenvolvimento econômico e social com preservação ambiental e patrimonial, mas também explorar os próprios monumentos naturais e culturais como fontes de renda e emprego, sem comprometê-los em sua integridade e especificidade. Do alto de seus 11 mil anos, Luzia, certamente, agradece.

Walter Neves é professor titular do Departamento de Genética e Biologia Evolutiva do Instituto de Biociências da USP. Tem estado à frente das pesquisas sobre Luzia e os primeiros americanos.

**AS DESCOBERTAS  
SOBRE LUZIA  
E SEU POVO  
ALTERARAM  
O QUADRO QUE  
PREVALECIA SOBRE  
O POVOAMENTO  
DO NOVO MUNDO**